

ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE DENTRO DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO E DA CONTEMPORANEIDADE

Spirituality and Religion/Religiosity in Psychology of Religion
and Contemporaneity

Flávio Aparecido de Almeida¹
Andreia Maia Fernandes²

Resumo: O presente artigo tratará da relação entre a Psicologia da Religião (PR) e os conceitos de espiritualidade e religião/religiosidade, explicitando a necessidade da compreensão dessas duas facetas do ser humano em sua essência para que se compreenda toda a atitude religiosa. De forma dialógica, será feita a revisão sistemática de textos da área da PR e de áreas de interesse á PR, os quais tratam dessas esferas basilares do *homo religiosus*. Assim, será possível compreender o que há de saudável e o que pode desenvolver-se de insalubre neste ser que busca o transcendente. Será seu objetivo explanar e expandir a compreensão dos conceitos em foco assim como a pesquisa própria da PR como um todo. O problema no texto será posto em relação ao ser humano moderno, uma vez que tanto a PR quanto a própria religião são historicamente determinadas.

Palavras-chave: Psicologia da Religião. Espiritualidade. Religião.

Abstract: This article will deal with the relationship between Psychology of Religion (PR) and the concepts of spirituality and religion/religiosity,

Artigo recebido em: 30 de jun de 2020

Aprovado em: 20 de dez. 2021

¹ Psicólogo (UNIFAMINAS). Graduado em Filosofia (FAERPI), História (UEMG) e Pedagogia (FINOM). Mestrando em Ciências das Religiões (FUV).

² Graduada em Pedagogia (UEMG) e Ciências Sociais (UNIMES). Mestranda em Ciências das Religiões (FUV).

explaining the need to understand these two facets of human beings in their essence to understand the entire religious attitude. In a dialogical manner, a systematic review of texts in the field of PR and areas of interest to PR which deal with these basic spheres of the *homo religiosus* will be carried out. Thus, we will be able to understand what is healthy and what can be developed of unhealthy in this being that seeks the transcendent. It will be the goal of this text to explain and expand the understanding of the concepts which were mentioned as well as PR's research as a whole. The problem will be posed in the text in its relation to modern man, since both PR and religion itself are historically determined.

Keywords: Psychology of Religion. Spirituality. Religion.

Introdução

A Psicologia da Religião (PR) nasce com o crescente interesse da ciência psicológica no fenômeno da experiência e do comportamento religioso. Tal fenômeno perpassa a vida de bilhões de indivíduos de uma forma ou outra, assim como culturas inteiras. Para o sujeito religioso, ainda, ele explica tanto a sua vida e a vida humana enquanto tal, como sua morte e a efemeridade corpórea do ser humano. É uma faceta da tendência totalizante do pensamento humano, da tendência para a busca do fim da fragmentação do ser, pode ser dita mesmo um curso de ação para a busca da totalidade. Sendo assim, a religião exemplifica um processo comum ao ser humano e pode ajudar a explicá-lo internamente, apontando o caminho para a descoberta do sistema subjacente à estrutura do seu psiquismo. Estudar a religião, e estudá-la de um ponto de vista psicológico, é, desta forma, algo indispensável.

De Stanley Hall e William James até as mais recentes publicações que tratam do comportamento religioso na área da Psicologia, teorias das mais variadas para tentar explicar o comportamento e as consequências psíquicas do comportamento religioso foram desenvolvidas. É possível, contudo, agrupar essas teorias em duas formas mais ou menos rígidas de se colocar a problemática da religião: existem aquelas que veem a religião como uma questão psicopatológica e aquelas que a consideram um desenvolvimento natural e benéfico ao ser humano. A segunda linha não despreza as aflições mentais ligadas à religião ou que a invocam; o que ela faz é tentar compreender o desvio da religiosidade propriamente saudável que levou até esse resultado.

Independente da linha discutida, porém, é preciso explicar a relação entre a religião/religiosidade, a espiritualidade e a psique humana antes de podermos considerar os malefícios ou benefícios

que essas expressões humanas possam causar. É compreendendo o processo que se torna possível compreender seus possíveis desvios.

O presente texto não visa fazer uma revisão de escolas da PR ou tomar o ponto de vista específico de nenhuma delas sobre a relação entre religião e saúde mental, mas sim conceituar o que é religião, religiosidade e espiritualidade dentro do contexto do funcionamento saudável da psique humana de forma geral, explicitando, com isso, a raiz da insalubridade que pode permear esses processos. Sua intenção é demonstrar isso sem os preconceitos cientificistas que marcaram as correntes positivistas, rechaçando, ao mesmo tempo, a transformação da PR em uma psicologia religiosa. Como nem a religião nem a visão que se tem sobre ela são imunes a história, é preciso aqui tomar cuidado para evidenciar os pontos essenciais (as bases, por assim dizer) e os pontos sincrônicos e diacrônicos dos conceitos que serão discutidos, bem como tentar não cair em culturalismos. Ainda é dever de qualquer estudioso do assunto manter sempre em mente que o Sagrado, enquanto se relaciona com o ser humano, crendo-se ou não na divindade, no transcendental, é um produto humano, expresso pelas capacidades mais humanas de todas: a de criar o seu mundo e a de erigir símbolos que o expliquem. Sem isto, torna-se fácil se perder em conjecturas sobre a realidade ou irreabilidade do que está sendo discutido e ignorar o problema principal.

O objetivo final do texto em mãos será avançar, dialogicamente, se valendo da revisão sistemática de textos de interesse na área e em áreas auxiliares, a discussão sobre os conceitos em foco e a pesquisa concernente à PR, reafirmando o dever desta de compreender o ser humano moderno. O campo, que conta hoje com grandes representantes, passou muito tempo às suas próprias sombras, encontrando para si justificativas. Será levado em conta ao longo do texto que a justificativa da PR está no fato de ela tratar do ser humano, de um processo humano que este ser desenvolve, o qual é cultural e individual e que demonstra, sobretudo, a retroação da malha social sobre o indivíduo e da atitude individual sobre o coletivo e o familiar. A religião apresenta-se ao ser humano como aquilo de que ele precisa para viver num mundo onde tudo é necessário, mas nada é previamente explicado. É um projeto humano.

1- Espiritualidade

O ser humano surge no mundo, independente da época, em um processo de construção da sua própria humanidade. Não há ser

humano sem que haja esse processo, uma vez que não é apenas o ser biológico que define o humano, mas sim o ser social, o qual engloba o ser biológico, que é uma superação deste no sentido hegeliano³. Ambas essas facetas do humano, as quais não podem realmente ser dicotomizadas, tem necessidades (alimento, sono, mas também felicidade matrimonial, afeto parental etc.), mas é apenas ao se tornar ser social que o ser biológico desenvolve a necessidade de explicar o mundo, de explicar suas próprias necessidades, de explicar o meio pelo qual elas podem ser suprimidas, de explicar as contradições que se interpõem entre ele e a supressão de suas necessidades. Isto redundando numa busca pela compreensão da totalidade do mundo, uma vez que o mundo é completamente humano, uma vez que só é mundo o que o ser humano define enquanto tal. Assim, todos os processos subjacentes à sociedade humana e à natureza humanizada (aquela da qual esse ser depende e que ele modifica) são importantes para compreender a história e a realidade da humanidade enquanto tal. Disso nascem todas as ciências e é a partir disso também que nasce a religião.

As ciências são uma forma do ser humano chegar à sua essência, de conhece-la. De acordo com Ponciano Ribeiro:

As ciências, nas suas diversas especificidades, procuram definir seus objetos de estudos, mas parece que o que elas não entendem é que todo seu esforço em definir seus mais diferentes objetos, é, no fundo, a esperança de que, estudando melhor a existência de múltiplos objetos, terminem por chegar mais perto de um deles que é decifrar a essência de homem [...] Toda e qualquer ciência [...] diz respeito ao Homem, e é muito dele de que quase todas as ciências tratam, porque, nas séries evolutivas do universo, primeiro fomos matéria, depois vida, depois mente, depois pessoa, porque estes são os objetos da ciência e é porque é da mente dele que elas “nascem” e é para lá que elas tentam retornar⁴.

³ KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 24.

⁴ RIBEIRO, Jorge Ponciano. Reflexões sobre o lugar de uma Psicologia da Religião. *Revista Abordagem Gestalt*. v.14, n.2, p. 197-204, Goiânia, dez. 2008. p. 198. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200007>. Acesso em: 10 Jan. 2019.

A ciência tenta chegar à essência humana por intermédio da observação empírica e tenta a explicar dentro do mundo observável. Toda real ciência produzida até hoje foi materialista ou teve de lidar com o materialismo, uma vez que não há como partir senão do material para explicar o mundo enquanto coisa material e o ser humano enquanto ser que constrói e observa esse mundo. A religião, é possível dizer, tem o mesmo objetivo da ciência, porém utiliza-se de meios distintos para chegar à essência humana. E é aí que se faz importante a espiritualidade, foco desta seção.

A espiritualidade pode ser vista de duas formas: como algo que é, que existe, algo de que o ser humano se utiliza, ou como uma construção constante. Levando-se em conta que tudo quanto é humano é um processo e que o próprio ser humano existe apenas dentro do processo de humanização, a segunda forma de considerar a espiritualidade parece mais correta. Isso não significa negar a transcendência, o Absoluto, ou afirma-la, significa apenas que aqui o ser humano é tomado como medida ou ponto de observação do desenrolar de um fenômeno. A espiritualidade é a busca deste ser no mundo por um sentido unitário, totalizante, como já foi dito, encontrando seu cume na própria essência humana. Assim como na ciência, tal sentido é, mormente, compreendido como fruto de um sistema subjacente o qual deve ser desvelado. Contudo, enquanto a ciência trata do imanente e do modificável, do movimento do sistema, a espiritualidade toma como mantenedor do sistema o transcendente. Tal sistema transcendente é algo que se pode compreender (e a compreensão é parte da busca pelo Absoluto), mas que já está dado, que não é modificado por mãos humanas. O ser busca, a partir de então, sua essência para além do mundo sensível. A espiritualidade trata, destarte, do que não é sensível em sua relação com a sensibilidade, da sensibilidade humana para o que vai além da sensibilidade imediata.

Segundo Gomes, Farina e Dal Forno:

A espiritualidade é a dimensão peculiar de todo ser humano e o impulsiona na busca do sagrado, da experiência transcendente na tentativa de dar sentido e resposta aos aspectos fundamentais da vida. A espiritualidade não é monopólio das religiões ou de algum movimento espiritual. Ela é inerente ao ser humano. É a dimensão que eleva a pessoa para além de seu universo e a coloca frente

as suas questões mais profundas, as que brotam da sua interioridade, no anseio de encontrar resposta às perguntas existenciais: de onde vim? Para onde vou? Qual é o sentido da minha vida? Que lugar eu ocupo neste Universo? Que propósito tem minha vida? Por que aconteceu isso comigo? Visto que a questão fundamental do ser humano contemporâneo é a de busca de sentido⁵.

Assim, é perceptível que a espiritualidade nasce ou se demonstra a partir de um questionamento interior humano, de uma introspecção. Essa introspecção, dizem os autores, não é necessariamente religiosa. Pelo mesmo caminho vai Ênio Brito Pinto ao afirmar que “a espiritualidade é parte integrante da personalidade, a religiosidade é parte acessória”⁶. Aqui será questionada, pela maior parte, a espiritualidade em sua ligação com a religião, porém é importante evidenciar que ela é uma dimensão eminentemente humana e não se liga a qualquer sistema de crenças particular ou à totalidade deles enquanto sistemas prontos. Ela é a base que permite o encadeamento de significados responsável pela produção desses sistemas.

Para João Bernardino da Silva e Lorena da Silva, “Praticar a espiritualidade é um exercício diário e permanente, que consiste basicamente na busca pelo contato com a essência e na procura pela conexão entre esse eu interior e o universo em que se está inserido”⁷. O que isso evidencia é que a essência humana é coisa conjunta, que está no indivíduo, no outro e em tudo que se relaciona com o ser humano de forma geral. A espiritualidade busca algo que é ao mesmo tempo exterior e interior, a retroação do exterior no interior

⁵ GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Mariane; DAL FORNO, Cristiano. Espiritualidade, religiosidade e religião: Reflexão de conceitos em artigos científicos. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, vol. 6, n. 2, p. 107-112, 2014. p. 109. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5155073.pdf>>. Acesso em: 31 Mar. 2019.

⁶ PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e religiosidade: Articulações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 68-83, Dez. 2019. p. 72. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf>. Acesso em: 31 Mar. 2020.

⁷ SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. *Revista Logos e Existência*, Paraíba, v. 3, n. 2, p. 203-215, dez. 2014. p. 208. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/22107/12148>>. Acesso em: 10 Jan. 2020.

e vice-versa, busca o que é superior ao ser individual, por abranger a todos os seres humanos e a tudo que está no mundo humano, por ser o sentido de todas as coisas, mas que também lhe é íntimo, que está sempre com ele.

A espiritualidade, portanto, é o caminhar do ser humano em direção à um sentido que englobe e encadeie todos os demais sentidos, superando a contradição entre estes. Este sentido está dado: é o Absoluto; contudo, o ser compreende-o em forma de processo. O Absoluto (eterno, uma conexão suprema, totalizante, demiurga) está em constante relação com o humano (efêmero, por vezes solitário, fragmentado, que tem sua criatividade tolhida pela necessidade) através da espiritualidade. Ao fim da busca, ele se apresentaria como um resultado da constante superação de tudo que o afastava do ser – e, assim, como processo também.

2-Religião/religiosidade

Uma distinção básica deve ser feita entre a religião e a religiosidade: a primeira se apresenta como sistema institucionalizado; a segunda é uma atitude pessoal decorrente da espiritualidade, é uma postura vivencial⁸. A religiosidade adquire forma determinada através da religião. A religião, por sua vez, é um “espaço de socialização de uma doutrina praticada entre os membros da instituição, numa estrutura formal hierarquizada”⁹.

Não há religião sem um complexo sistema de mitos, ritos e de comportamentos morais, como não há religião sem hierarquização. A religião, é possível dizer, é a tentativa de instaurar no mundo a ordem ideal das coisas, a Ordem Absoluta, percebida através da espiritualidade. Nesse sentido, ela tem função ideológica, considerando-se a acepção mais estrita da palavra: dar o caminho ideal para uma busca real, infundir de confiança (fé) na correção de um curso de ação àqueles que necessitam. Assim, mesmo que a espiritualidade seja algo universal, é normal que existam sistemas conflitantes que a põem em prática.

Enquanto a espiritualidade é um conhecimento ou a forma de se conhecer o Sagrado, a religião vive na tensão entre o Sagrado e o profano, tentando aproximar o ser humano do Sagrado. Como colocam Gomes, Farina e Dal Forno, contudo,

⁸ GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014, p. 110.

⁹ GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014, p. 110.

[...] a religião pode se transformar em mercadoria à mercê da demanda do crente. A partir da aceitação da religião, de forma intrínseca, as pessoas devem viver conforme os preceitos assumidos, colocando suas crenças religiosas em primeiro lugar (Duarte & Wanderley, 2011). Porém, quando se vive a religião de maneira extrínseca, como meio de obter benefícios, essa é assumida superficialmente, visto que muitas vezes não passa de uma herança familiar sem possibilidades de escolha¹⁰.

Quando a religião não se expressa enquanto um caminho até o Sagrado, mas apenas como um ponto de apoio para os desesperos humanos, a religiosidade não é saudável. Da mesma forma, quando não há tentativa de conhecer as necessidades humanas e superá-las em favor de algo que lhes é superior, a atitude do crente é posta contra o seu sistema de crenças e o ser continua a se fragmentar. Apenas como busca de um sentido totalizante e autorrealizador pode-se dizer que há religiosidade saudável.

A religião, enquanto conjunto articulado de signos ideológicos, é um sistema organizador da própria psique, conferindo sentido à existência humana e também à morte. As necessidades psicofísicas do ser humano, tudo que há no seu caminho para o transcendente, é igualmente compreendido através da religião como a própria tensão entre o humano e o Sagrado ou como a tensão entre o que há de profano no humano e o que há de Sagrado. O íntimo/superior do ser humano, que pode também ser compreendido como o que está para além do real, o que é potencialidade nele, é buscado através da religião.

Segundo João Bernardino e Lorena Bandeira,

Historicamente a humanidade foi criando uma linguagem simbólica para expressar a realidade acessada pela espiritualidade. Esses simbolismos são encontrados nas artes, na música, na liturgia, na oração e nas histórias míticas.¹¹

A religião, portanto, trata do simbólico-imagético que expressa o Sagrado. Assim como todo símbolo, o significado do Sagrado se dá por oposição a outro símbolo (que para a religião seria o símbolo do fragmentário). Desta forma, continuam os autores:

¹⁰ GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014, p. 110.

¹¹ SILVA; SILVA, 2014, p. 206.

O homem toma conhecimento do sagrado, porque este se manifesta e se mostra diferente do profano. O mito remete ao tempo e espaço, ao paradigma do sagrado, enquanto qualquer outra percepção da realidade histórica recai na existência do profano.¹²

O Sagrado é uma inspiração humana que o humano busca em si, fora de si e para além de tudo que o toca imediatamente, é uma inspiração da divindade em relação com o ser humano. Neste sentido, colocam Bonfatti e Barros:

Para aquele que crê, a religião vem colocar ordem, organizar um universo caótico em termos de sentidos e significações, legitimando e fundamentando o existir humano em termos de referência, de alicerçamento para esse existir, que deixa de ser, apenas, um simples existir humano para se converter em um existir sagrado. Um existir compreendido, justificado por uma realidade última, universal, sagrada.¹³

Não é difícil perceber: a religião é a sistematização da espiritualidade, é a articulação dessa em uma linguagem compreensível, é um movimento muito humano, mesmo que se ligue ao Sagrado, uma vez que torna em conjunto o que antes era individual, mesmo que comum a todos. A religião busca dar um caminho único para o ser humano até o Sagrado, ao ser transcendental, dentro das comunidades religiosas existentes. A transmissão cumulativa de cultura é uma faceta humana e religiosa, também. O profano e o Sagrado vivem em tensão dentro do ser e, portanto, vivem em tensão dentro de qualquer religião humana, mas a religião é, ao mesmo tempo, a única forma que o ser humano conhece de tentar superar essa tensão – e exatamente por isso.

3- Espiritualidade e religião na modernidade da psique humana

¹² SILVA; SILVA, 2014, p. 206.

¹³ BONFATTI, Paulo Ferreira; BARROS, Cristiane do Amaral de. *Psicologia da religião: Reflexões*. Revista *Psique*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 70-85, jan./jul. 2016. p. 71. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/download/548/626>>. Acesso em: 02 Jan. 2019.

A razão iluminista deu ao ser humano moderno, pela primeira vez de forma aberta e difundida, a perspectiva da ausência de um ser superior. Isso, a princípio, ao menos no ocidente. Hoje, com a dominação material e cultural ocidental já bem embasada e praticamente inelutável, essa distinção não é mais tão clara e, de um ponto de vista sociológico, tal movimento foi um de violência nunca antes vista. A psique moderna e a psique religiosa moderna se moldaram dentro dessa e de outras violências, dentro das consequências dessas violências seguidas e continuadas. A capacidade humana para o horror e para o maravilhoso se tornou uma presença mais fortemente sentida, em alguns casos, que a de um ente criador e justo.

Além do que já foi citado, a modernidade também foi o marco do deslocamento do ser humano para a cidade, do colapso de instituições, da construção de um novo tipo de Estado e da divisão social de trabalho mais alienante até então concebida¹⁴. O ser humano, que antes sentia-se mais ou menos total, excetuando-se as contradições impostas pelo poder superior da monarquia, agora muitas das vezes nem ao menos sabia o motivo de fazer aquilo que fazia. O ser social, que vive na tensão entre a fragmentação e a totalidade, pendeu para o primeiro lado e ali foi deixado. A impossibilidade de uma busca pelo sentido totalizante passou a parecer sua única verdade. Todos os pais fundadores da sociologia (Marx, Durkheim, Weber), de uma forma ou de outra, buscaram compreender esse fenômeno. Um estudo psicológico do mesmo, contudo, também é necessário. Esta seção não tem pretensão de fazer uma explanação completa disso, nem de desconsiderar que todos os psicólogos da religião ou as teorias que contribuíram para o desenvolvimento da PR foram concatenadas já na modernidade. Seu intento não é outro que afirmar ou reafirmar que o ser humano moderno já é outro ser que aquele da Idade Média ou da Antiguidade Clássica e que sua relação com a religião, portanto, mudou. Será aqui considerado, sobretudo, o ocidente (ou ocidentalizado) em sua acepção geopolítica (Europa em sua centralidade, Estados Unidos da América, algumas partes da Oceania etc.), uma vez que essas mudanças referidas atuaram

¹⁴ CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; GUSMÃO, Eduardo Henrique. Religião em movimento: relações entre religião e modernidade. *Revista de Antropologia*, Campos, v. 11, n. 1, p. 65-86, jun. 2010. p. 65. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/19139/14699>>. Acesso em: 04 abr. 2020

primeiro lá e de lá se exportaram, através da violência, para outros locais.

A laicização do Estado no mundo ocidental tornou a religião, expressão máxima da sociabilidade da espiritualidade ou de sua possibilidade de estabelecer conexões sociais na busca pelo sentido Absoluto, em um assunto cada vez mais individual e privado. Só é possível falar de fato de comunidades religiosas na modernidade, uma vez que antes, exceto pelas pequenas diferenças em se considerar o fenômeno religioso, toda a sociedade constituída era, por força de lei algumas vezes, religiosa. O advento e ascensão do protestantismo e de outras correntes divergentes do catolicismo seu deu exatamente dentro deste espectro. Como seria possível justificar que a pessoa religiosa comum não tivesse acesso aos seus escritos sagrados após a invenção da prensa tipográfica? Como justificar que ela servisse a uma instituição forçosamente em épocas de agitação burguesa através do mundo? Mais importante ainda, contudo, é perceber que o próprio *homo religiosus* moderno modelou-se a partir disso.

O *homo religiosus* moderno é esse ser fragmentário que vive sem saber muito bem o que é fruto de sua criatividade natural e que, portanto, nela não vê sentido algum, é esse que vive entre a violência de sua criação e a paz social percebida, é esse que, também, vive a desconhecer o social presente no privado ou no individual (e cada vez mais, com a presença do neoliberalismo e da pós-modernidade pesando sobre ele). Cada vez mais próximo fisicamente dos demais, pelo aumento das aglomerações urbanas, ele também foi levado a se distanciar psiquicamente dos seus pares humanos, uma vez que sua única preocupação comum com estes tornou-se na existência e essa passou a ser compreendida como disputa constante. O humanismo iluminista, que se tornou o paradigma social vigente após a concretização das revoluções burguesas na Europa, “não leva em consideração objetivos que ultrapassem os limites da realização humana”¹⁵ e, portanto, a relação com o transcendente tornou-se na consciência algo a ser apenas individualmente buscado. O ideal do Absoluto foi transferido de Deus ao Estado-nação. A lei máxima não deixou de ser a expressão de uma ideia, mas agora a ideia não mais remetia a algo superior ao ser humano e sim a um ser que se fazia superior, mesmo que isso fosse e seja disfarçado através da ideologia.

A busca pelo sentido totalizante, contudo, não está completamente perdida nesse ser humano moderno. Seria

¹⁵ CAMPOS; GUSMÃO, 2010, p. 69.

impossível para um ser constituído com essa busca em sua matriz. Apesar dos mitos modernos (e pós-modernos) serem mormente construídos através da superexposição midiática, os mitos originais não foram apagados da psique coletiva e continuam a ditar a compreensão ou mesmo se integrar ao discurso moral atual. Segundo Sebastião Hugo Brandão:

Todo processo de secularização e dessacralização que a humanidade passou, com o advento da modernidade e sua racionalidade, não foi suficiente para superar as contradições próprias da humanidade e as mazelas sociais. Assim, a humanidade continuou a necessitar de sustentação para aplacar suas mais superficiais e profundas necessidades.¹⁶

A religião, enquanto coisa expressa por intermédio de instituições religiosas, engessada ao longo do tempo pela sua posição de poder, tornou-se em coisa a ser ressignificada através da sua recriação. O *homo religiosus* passou pelo mesmo processo. Não é à toa que muitos dos mitos estruturais da religião vêm sendo recriados, ressignificados, reinterpretados ou mesmo abandonados em favor de outros. A racionalidade e o que é superior ao racional tem de entrarem em sintonia no novo *homo religiosus* para que ele não se sinta deslocado de seus próprios ideais. A dita “livre-concorrência” (que não o é, realmente) religiosa pode apontar para algo que já é próprio das religiões: a capacidade para a interpenetração cultural. Da mesma forma, a tensão entre o profano e o Sagrado, para o ser humano moderno, nunca delineou-se tão clara. Tudo que o desespera, que tolhe sua autorrealização, é o profano.

A busca religiosa continua a ser a mesma: é uma busca por algo que o ser humano tem em si e que o supera. É o ser que faz essa busca e o meio dentro do qual ele necessariamente a faz que mudou. A religião, enquanto instituição humana, tem de se adaptar a isso para que o *homo religiosus* não perca-se de si. A mera existência enquanto necessidade máxima do ser humano moderno é um objetivo muito parco perto de suas criatividadees. É um objetivo que

¹⁶ BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na pós-modernidade. *Ciências da Religião: História e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016. p. 64. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088>>. Acesso em: 04 Abr. 2020.

gera crises, desajustamentos. Alguns líderes religiosos podem mesmo se aproveitar disso. Mesmo que não o façam, é muito comum que vejamos hoje expressões não-saudáveis de religiosidade. A tarefa do psicólogo, em relação ao seu cliente/paciente, dado isso, passa a ser a de buscar compreender o encadeamento de significados que ditam a sua vida interior, o sentido construído pelo mesmo, a linguagem simbólica que o permeia, sua espiritualidade enquanto manifestação psíquica. Apenas assim poderia o compreender: sem preconceitos cientificistas, sem tentar submetê-lo ao dirigismo.

Considerações finais

Todos os processos de significação humanos, enquanto processos de transformação da ação e da materialidade, mas também para aquilo que há para além dela, em símbolos, são objeto da Psicologia de forma geral. A Psicologia da Religião trata de um processo muito específico, o qual retoma a ligação do ser humano com aquilo que o transcende, que é assim percebido e descrito por ele. Se essa relação entre o transcendente e o humano ocorre por intermédio da espiritualidade, é verdade também que a religião/religiosidade é a forma estruturada de se expressar a espiritualidade e de se definir os caminhos pelos quais o ser deve passar para chegar até o Sagrado, para superar-se também enquanto ser social fragmentário e comungar com o Absoluto.

Ambas as esferas, da espiritualidade e da religião/religiosidade, são fulcrais para a constituição do *homo religiosus*, objeto da PR. A salubridade ou insalubridade da atitude religiosa desse ser é determinada na interpenetração dessas esferas. Uma atitude saudável frente à espiritualidade, natural a todos os homens, é uma atitude de busca constante, busca essa que é reflexiva e introspectiva, mas que também se baseia na tentativa de compreender o que há para além do individual, uma vez que o Absoluto permeia a tudo que existe. O interior e íntimo está também no exterior e no superior, e este é o pressuposto de uma vida espiritual completa. No caso da religião, que é um construto humano, historicamente determinado, e que vive na tensão entre o Sagrado e o profano, a atitude deve ser uma de busca da autorrealização no mundo. Ambas as buscas aqui descritas desembocam em uma só: a busca pela compreensão da totalidade das coisas. Aquilo que é terreno é sagrado na medida em que está imbuído do Sagrado. O que profana o ser humano é a fragmentação promovida pela necessidade e por sua exploração dentro de um contexto social. O que limita-o é também isso.

É necessário sempre lembrar que a PR lida, necessariamente, com o ser humano moderno, e que, portanto, a religião de que ela fala é uma determinada pela condição da modernidade. O presente artigo buscou demonstrar brevemente como isso afetou a atitude frente à religião e para com a própria espiritualidade e o Sagrado. Estes apontamentos gerais são de grande necessidade, uma vez que a discussão incessante sobre a essência das coisas sem que haja uma discussão sobre a aplicação histórica das mesmas torna-se inútil. O ser humano atual tem necessidades novas e, portanto, qualquer um que tente explicar sua relação com a espiritualidade e com a religião terá de lidar com isso. A tensão entre o Sagrado e o profano é a mesma que existe entre a totalidade e a fragmentação e o ser humano nunca foi tão fragmentado quanto é hoje. A rápida mudança qualitativa da vida humana, dos pressupostos da própria humanização (enquanto esta é produto da socialização do indivíduo), trouxe ao mesmo tempo uma época de criatividade nunca antes vista e uma crise do potencial criativo do ser humano, que se aliena do que produz. A busca do fim das limitações humanas, da mesma forma, foi gravemente prejudicada.

A PR, como parte da busca científica pela compreensão da essência humana, lida com toda a problemática da vida humana, mesmo que se focando num campo específico desta. A religião, como uma busca ativa que é, ao mesmo tempo, parte da essência humana e que a tem como objeto a ser compreendido e desenvolvido para além das suas limitações, é um espaço vasto para compreender a história da humanidade e o próprio processo de humanização. É também uma decorrência da necessidade humana pelo fim de suas limitações e das contradições que essas encetam, pela congregação última entre tudo que compõe o ser humano, seja no seu interior ou no seu exterior, e o que lhe supera. Assim, ela dá sentido à vida humana e dá ao humano um sentido a ser buscado. Tal é a preocupação última do psicólogo da religião: compreender a linguagem, o conjunto de signos, que estruturam esse sentido dentro da psique do cliente/paciente, considerando essa linguagem enquanto coisa humana e histórica, sem por em dúvida o que ela busca expressar.

Referências

BONFATTI, Paulo Ferreira; BARROS, Cristiane do Amaral de. *Psicologia da religião: Reflexões*. Revista *Psique*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 70-85, jan./jul. 2016. Disponível em:

<<https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/download/548/626>>.

Acesso em: 02 Jan. 2019.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na pós-modernidade. *Ciências da Religião: História e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088>>. Acesso em: 04 Abr. 2020.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; GUSMÃO, Eduardo Henrique. Religião em movimento: relações entre religião e modernidade. *Revista de Antropologia*, Campos, v. 11, n. 1, p. 65-86, jun. 2010. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/19139/14699>>.

Acesso em: 04 abr. 2020

GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Mariane; DAL FORNO, Cristiano. Espiritualidade, religiosidade e religião: Reflexão de conceitos em artigos científicos. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, vol. 6, n. 2, p. 107-112, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5155073.pdf>>.

Acesso em: 31 Mar. 2019.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e religiosidade: Articulações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 68-83, Dez. 2019.

Disponível em:

<https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf>. Acesso em:

31 Mar. 2020.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Reflexões sobre o lugar de uma Psicologia da Religião. *Revista Abordagem Gestalt*. v.14, n.2, p. 197-204, Goiânia, dez. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200007>. Acesso em: 10 Jan. 2019.

SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. *Revista Logos e Existência*, Paraíba, v. 3, n. 2, p. 203-215, dez. 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/22107/12148>>. Acesso em: 10 Jan. 2020.

London: 2000